



ANAIS

UM ESTUDO SOBRE AS STARTUPS E INOVAÇÃO ABERTA POR MEIO DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMATIZADA.

FERNANDO UBIALI

fernandobarubi@hotmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

GIULIANA SANTINI PIGATTO

giuliana.santini@unesp.br

UNESP

RESUMO: O objetivo deste artigo foi compilar e analisar, por meio de uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS), todas as informações relacionadas aos termos startup e inovação aberta. As contribuições deste artigo estão voltadas à compreensão por parte da academia e sociedade sobre a relação entre startups e inovação aberta para que os modos como esses dois se correlacionam sejam exemplificados para futuras colaborações. A abordagem de pesquisa utilizada foi qualitativa, e a análise dos dados foram descritivos. O procedimento metodológico utilizado foi uma Revisão Bibliográfica Sistemática, que teve como objetivo mapear os trabalhos que foram publicados sobre os temas inovação aberta e as startups.

PALAVRAS CHAVE: Inovação. Inovação Aberta. Revisão Bibliográfica Sistemática. Startup.

ABSTRACT: The objective of this article was to compile and analyze through a Systematized Bibliographic Review (RBS) all the information related to the terms startup and open innovation. The contributions of this article are geared to the understanding by academic and society of the relationship between startups and open innovation so that the ways these two correlate are exemplified for future collaborations. The research approach used was qualitative, and data analysis was descriptive. The methodological procedure used was a Systematic Bibliographic Review, whose objective was to map the works that were published on the themes open innovation and the startups.

KEY WORDS: Innovation. Open Innovation. Systematized Bibliographic Review. Startup.

ANAIS

1. INTRODUÇÃO

Em um contexto de constantes mudanças no mercado e nos padrões exigidos pelos consumidores, vê-se necessário um novo tipo de empresa que responda com velocidade às novas características demandadas. Um modelo de empresa que trabalhe sua gestão por meio das incertezas que o mercado traz e que seja capaz de criar novos produtos, mesmo com instabilidades em suas demandas, era necessário. Nessas condições, o mercado viu nascer as startups. Segundo um dos autores contemporâneos mais importantes no tema, o estadunidense Eric Ries (2012, p. 12), o conceito de startup é justamente “uma instituição humana projetada para criar novos produtos e serviços sob condições de extrema incerteza”.

Relacionando-se a noção de inovação com as startups, essas seriam empresas que buscam sempre uma inovação para suas inserções nos mercados, seja nacional ou internacional. Tal forma inovativa também se visualiza no auxílio à internacionalização que as redes sociais e aceleradoras de empresas fornecem às startups, e que essas podem utilizar para seu estabelecimento em mercados até então desconhecidos (SARMENTO, CARVALHO e DIB, 2016).

Atrelado aos conceitos de startup, outro estudo amplamente utilizado quando se trata de inovação é o de inovação aberta, que pode ser observada como uma forma contrária da inovação tradicional integrada e vertical, que usa as atividades internas realizadas na organização para inovarem-se. Já a inovação aberta leva em conta os fatores internos e externos do conhecimento para acelerar a inovação interna e expandir seus mercados. Além disso, a inovação aberta combina os modelos de negócios internos e externos para criarem valor ao negócio (CHESBROUGH, 2012).

Segundo dados da Associação Brasileira de Startups (ABStartups, 2018), em seu último levantamento de 2018, existem no Brasil 10.100 startups, onde o estado de São Paulo concentra o maior número delas: 3.015, seguido por Minas Gerais com 827 empresas startups, 29,85% e 8,18% do total respectivamente. Há também, um crescente em relação ao número total de startups nos últimos anos: em 2012 eram 2.519; 2014 eram 2.922; em 2015 eram 4.151; e em 2018, ano do último levantamento, eram 10.100 startups, um crescimento de 300,95% em relação ao número total de 2012. Segundo a STARTUPBASE, uma base de dados voltada às startups criadas pela ABStartup, 630 das 10.100 startups existentes são voltadas a área de educação, sendo educação o mais expressivo mercado de atuação das startups no Brasil.

Analisando-se essas empresas em um contexto teórico pautado em estudos já realizados anteriormente por outros autores, o objetivo deste artigo é compilar e analisar, por meio de uma Revisão Bibliográfica Sistematizada (RBS) todas as informações relacionadas aos termos startup e inovação aberta, para que se compreenda de forma empírica essa relação. Para tal, este artigo está organizado em cinco seções, sendo que a segunda seção, após esta introdução, contribui com o levantamento teórico sobre startups e inovação, e inovação aberta; a terceira seção se dedica à metodologia; e as quarta e quinta seções trazem análise de todos os artigos encontrados nas bases a partir da junção dos termos “startup” e “inovação aberta”, a partir do método RBS, e as considerações finais.

2. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

2.1 Startups e Inovação

ANAIS

Salamzadeh e Kirby (2017) desenvolveram uma síntese acerca de autores que caracterizaram o nascimento de uma startup e o que a mesma significa para o mercado. Alguns deles utilizam termos diferentes para a mesma ideia. Alguns as denominam de startup, mas outros preferem: pré-organização, organização in vitro (o que atualmente é tratado de incubadoras), pré-lançamento, gestação e/ou entradas. Mas todos concordam que uma startup é uma empresa vista como motor de inovação para a sociedade e como um meio de inserção em novos mercados (SALAMZADEH; KIRBY, 2017).

Uma startup pode estar atrelada às formas empreendedora e organizacional de seu líder e de seus processos, respectivamente. Dentro da perspectiva empreendedora, é levado em conta as características antecedentes de seus líderes e a forma com que eles comandam seus novos empreendimentos. Já na perspectiva organizacional toma-se por base os processos, inovativos ou não, dos quais essas empresas se baseiam (VAN DE VEM; HUSON; SCHROEDER, 1984).

Evers (2003) compara o processo de criação de uma startup com o nascimento de um embrião, ou seja, com o processo biológico do nascimento. Dentre a literatura estudada é visto que não se sabe de onde surgiu a ideia de se criar um novo modelo de negócio inovador, mas que a maioria dos empreendedores apenas tiveram a ideia e a colocaram em prática, sendo a analogia feita com o desenvolvimento do feto até o seu primeiro aniversário (EVERS, 2003).

A literatura internacional sobre startups também vem trabalhando na importância financeira dos investimentos necessários para adentrar no mercado, do que com a sua própria definição, uma vez que seus estudos focam em como as startups se inter-relacionam com a rede que elas estão inseridas. Davila, Foster e Gupta (2003) destacam a importância da rapidez de aplicação do investimento que são feitos nas startups, assim como o atraso que essas organizações podem ter em relação às outras se não investirem esse capital (DAVILA; FOSTER; GUPTA, 2003).

Seguindo a mesma temática, Sommer, Loch e Dong (2009) mostram que o “*Venture Capital*”, ou seja, Capital de Risco - recurso financeiro inicialmente aplicado para a criação das startups - pode significar um contraste entre o (perfil) investidor e empreendedor, refletindo negativamente dentro de uma startup. Pois o investidor busca algo mais previsível e a imprevisibilidade do empreendedor pode ser o que alavanque ou derrube o negócio.

No Brasil, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE (2017), originalmente as startups poderiam ser caracterizadas por um grupo de pessoas que trabalhavam em uma ideia que poderia dar retorno financeiro, mas com o passar do tempo os investidores não consideravam mais essa uma definição apropriada, pois muitos tinham como visão que todas as empresas, em seu caráter embrionário, eram startups. Uma nova definição foi trabalhada pelo SEBRAE, que conceitua uma startup como “um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza” (SEBRAE, 2017, p. 1).

Moraes et al. (2012) mostram que o caráter inovativo de uma startup está até em seu nome: “start” significa “iniciar”. Além de classificar que o termo está diretamente relacionado ao empreendedorismo e à inovação. Essas empresas têm uma constante busca para ter um modelo de negócio que seja inovador, sendo essa a maneira como elas geram seu valor (resultando em retorno financeiro). A inovação, segundo Ferrão (2013) está ligada aos modelos de negócios escaláveis, com baixos custos e ideias inovadoras.

ANAIS

Visando a compreensão do que é inovação e sua posterior contribuição às startups, pode-se entender inovação a partir de Moricochi e Gonçalves (1994, p. 30) - os quais fizeram uma revisão crítica sobre a Teoria do Desenvolvimento Econômico de Schumpeter, de 1912 -, como “fazer as coisas diferentemente no reino da vida econômica”.

Pavitt (2003) discute o “Processo da Inovação”, sendo que as firmas podem utilizar a inovação em sua estrutura. Ele categorizou esse processo em três sub processos: cognitivo (a empresa saber aplicar seu know-how em suas tarefas); organizacional (como a empresa realiza seus serviços internamente ou com outras organizações); e econômico (investimentos certos das empresas para garantir a inovação) (PAVITT, 2003).

Como sintetizado anteriormente, as startups são empresas de caráter humano que buscam espaço em cenários de grande incerteza, “uma instituição humana projetada para criar novos produtos e serviços sob condições de extrema incerteza” (RIES, 2012, p.12).

Quando se relaciona as startups com o que elas trazem em sua(s) forma(s) de inovar, é necessário entender onde está esse caráter inovador, se é num processo, num produto, na característica de um líder, dentre outros. Alguns autores estudaram esse caráter inovador dentro dessas empresas para entenderem como essas inovações tomaram formas distintas para essas empresas enxutas e altamente tecnológicas que são as startups.

Uma das características que podem ser observadas nas startups é o ecossistema no qual elas pertencem, muitas vezes de empresas semelhantes a elas e em caráter de criação e desenvolvimento (ROCHA, 2016). Esse ecossistema propicia a criação e o desenvolvimento de novas ideias, pois o ambiente da empresa é tão dinâmico e dominado de novidade que ajuda no desenvolvimento de inovação dessa organização. Essas características de dinamismo e percepção do ambiente externo para a inovação pode ser ligada às características empreendedoras de seus líderes (ROCHA, 2016), sendo essas primordiais para a tendência inovadora dessas empresas.

Seguindo na linha de raciocínio que coloca o empreendedor como centro da inovação das startups, temos aqueles que buscam o caminho mais simples para a feitura dos processos que devem ser realizados. Muitas vezes esse caminho significa transformar suas ideias em produtos e em serviços a serem oferecidos pela startup (RIES, 2012). Isso se contrapõe com as etapas dos processos tradicionais de inovação.

Tidd, Bessant e Pavitt (2015) consideram que para algo ser considerado uma inovação é necessário que se tenha um mercado que abocanhe tal inovação, seja ela vinda “do nada” ou pautada em algo já existente. Os processos tradicionais de inovação são quando a firma inova em algum de seus produtos ou processos e estuda, passo a passo, a forma com que essa novidade será escalada na empresa, sem contato com o ecossistema das empresas semelhantes à sua (TIDD, BESSANT e PAVITT, 2015).

Quando se pensa num processo tradicional de inovação, também se entende que é necessário um teste para que esse produto ou serviço seja lançado ao mercado, demandando um prolongamento temporário sobre como essa empresa lançará seu produto ou serviço (TIDD, BESSANT e PAVITT, 2005). Esse ponto é o que se difere de uma startup, onde não há uma espera para o lançamento da novidade, sendo que muitas vezes a novidade é o que faz com que a startup seja lançada ao mercado.

ANAIS

Do ponto de vista da empregabilidade, alguns autores trazem a importância do tema por meio da inovação criada pelas startups. Por meio da inovação, as startups conseguem ser competitivas no mercado (LEITE, 2015). Outro fator apontado é a “Lei da Inovação”, que institucionaliza a linha de conversa entre entidades estudantis sobre inovação e as empresas que as buscam; isso propicia um maior desenvolvimento agregado para as empresas (LEITE, 2015).

Outra forma de inovação estudada está na relação do “Design Thinking” com as inovações obtidas pelas startups. Podemos entender que o “Design Thinking” “emprega a sensibilidade e os métodos do designer para atender às necessidades das pessoas com o que é tecnologicamente viável e cria uma estratégia de negócios duradoura” (SIGNORI et al., 2014, p.6). Assim sendo, é uma forma mais prática e rápida, baseado em etapas de se conseguir a inovação em seus produtos e processos, facilitando a implementação e concepção de novos produtos e onde esses se completam no mercado (SIGNORI et al., 2014).

2.2 Inovação Aberta

O conceito de inovação aberta tem por base as contribuições de Chesbrough (2003), que atrelado a conceitos de inovação, a define como ideias de valor originados tanto dentro quanto fora da organização, utilizando os caminhos internos e externos para o mercado (CHESBROUGH, 2003).

Como esse é um conceito recente, alguns autores mostram que inovação aberta é a antítese do conceito de inovação fechada (HOSSAIN, 2013). Nesse sentido, Hossain (2013) exemplifica o que alguns autores dissertam sobre esse conceito, sendo de comum acordo que se tratando de inovação aberta entende-se por um modelo integrado de desenvolvimento interno que é exposto para várias firmas.

Trabalhando nas definições e diferenças de inovação aberta e fechada, Chesbrough (2003) mostra que as características de inovação fechada se contrapõem aos de inovação aberta em alguns setores. Em inovação fechada as pessoas inteligentes trabalham unicamente para as empresas, enquanto que na inovação aberta as pessoas inteligentes podem estar ou não dentro da organização, pois muitas dessas pessoas inovam externamente à empresa (ENGEROFF e BALESTRIN, 2008).

A área de pesquisa e desenvolvimento (P&D) também difere, pois no conceito fechado tem a ideia de obter lucro sobre as descobertas das áreas de P&D, enquanto que no conceito aberto o P&D externo é valorizado pela significância de valor e o P&D interno sendo o intérprete desse valor (inovação) para a firma. E também há divergências quando se trata do processo de inovação ao qual a empresa detém; na inovação fechada, a empresa que inovou controla esse processo para que os concorrentes não lucrem; e na inovação aberta o conceito do processo de inovação que ocorre internamente na empresa se completa com os processos inovadores que estão sendo aplicados no mercado, de forma construtiva (ENGEROFF e BALESTRIN, 2008).

Chesbrough (2012) analisou criticamente o conceito proposto em 2003, observando as modificações e o contexto ao qual a inovação aberta se encaminhava. Entende-se, a partir de 2012, que o conceito abrange dois caminhos a serem seguidos: de fora para dentro (“outside-in”) ou de dentro para fora (“inside-out”). A primeira trata sobre a empresa abrir seus processos para a inovação externa e com isso auferir as possíveis vantagens inovadoras trazidas por meio

ANAIS

dessa abertura. Sendo esse ponto, de abertura da empresa a inovações externas, o de maior concentração de estudos de inovação aberta. E o segundo caminho (“inside-out”) é sobre a distribuição de ideias descartadas ou subutilizadas da organização para que outras empresas possam utilizar em seus processos e inovarem-se a partir deles (CHESBROUGH, 2012).

Tidd, Bessant e Pavitt (2015) mostram que a inovação precisa ser testada no mercado para verificar se existe sustentabilidade para a ideia perante as pessoas, em consonância ao exposto por Chesbrough (2012), onde uma inovação só pode ser percebida quando a mesma chega ao mercado. Os autores mostram que a reafirmação do novo produto ou serviço no mercado terá de ser feita até que se garanta uma possível parcela de consumidores que compartilhem das novas ideias trazidas pelo novo produto/serviço.

Mesmo com uma grande quantidade de variações, a definição de Chesbrough (2003) para inovação aberta é a mais aceita entre a literatura internacional, pois visa de forma simples a explicação de que esse tipo de inovação converge à integração de várias instituições para o desenvolvimento da inovação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem de pesquisa utilizada neste trabalho foi qualitativa, e a análise dos dados foram descritivos. Para que fossem utilizados os periódicos e publicações necessários à respeito de inovação aberta e as startups, foi utilizada a metodologia de Revisão Bibliográfica Sistemática, que tem como objetivo, segundo Travassos e Biolchin (2007) mapear os trabalhos que foram publicados sobre o tema em questão.

Segundo Tavares et al. (2017), uma RBS consiste em algumas etapas, sendo elas desde a definição do tema da pesquisa até a sistematização das informações encontradas. As etapas para a realização da RBS foram respeitadas nesse trabalho e estão descritas a seguir:

1) Delimitação do tema da pesquisa: para esse trabalho, a RBS foi utilizada para os artigos de inovação aberta e startups. Então o item um caracteriza-se como uma busca sistemática de periódicos que envolvessem inovação aberta e startups.

2) Seleção de base de dados consultadas: como indicado por Tavares et al., (2017), as bases de dados utilizadas foram: Scopus, Web of Science e SciELO.

3) Seleção dos termos adequados: os termos pesquisados foram “open innovation” AND “startups” e “inovação aberta” AND “startups”. A palavra AND é uma palavra de inclusão para as bases de dados selecionadas e as aspas (“”) são para que os termos encontrados sejam específicos e sem derivações.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apenas foram usados artigos como resultados da pesquisa nas bases de dados, também não foram feitas delimitações de tempo para os artigos. A decisão para que os artigos fossem escolhidos foi por meio de três etapas: a primeira consistiu em verificar a quantidade de artigos que foram encontrados na respectiva base de dados, após isso era feito a leitura do título de cada um dos artigos e a verificação se o título era compatível com o objetivo da RBS e, por fim, dos artigos pré-selecionados pelo título, era feita a leitura dos resumos para analisar se o conteúdo do artigo correspondia ao objetivo da feitura da RBS. A seguir, os quadros 1, 2 e 3 apresentam descritivamente os resultados obtidos nas buscas das bases de dados e o quadro 4

ANAIS

apresenta o total de artigos que foram selecionados para o embasamento da inovação aberta com as startups.

QUADRO 1: Termos de busca na base SCOPUS e os resultados obtidos

Base de Dados: SCOPUS			
Termo de busca	Artigos encontrados	Título compatível	Resumo compatível
“open innovation” AND “startups”	50	14	12
“inovação aberta” AND “startups”	0	0	0
Total encontrado	-	-	12

Fonte: elaborado pelos autores.

Cinco, dos doze artigos encontrados compatíveis ao tema na base de dados SCOPUS não estavam disponíveis para as leituras, portanto, foram utilizados e serão apreciados no Quadro 5 apenas sete dos doze artigos.

QUADRO 2: Termos de busca na base WEB of SCIENCE e os resultados obtidos

Base de Dados: WEB of SCIENCE			
Termo de busca	Artigos encontrados	Título compatível	Resumo compatível
“open innovation” AND “startups”	27	12	9
“inovação aberta” AND “startups”	0	0	0
Total encontrado	-	-	9

Fonte: elaborado pelos autores.

Três dos nove artigos que foram encontrados não estavam disponíveis para a leitura, então foram utilizados seis dos artigos compatíveis para a realização do Quadro 5; esses seis artigos selecionados para análise já estavam selecionados pela análise anterior da base de dados SCOPUS.

QUADRO 3: Termos de busca na base SCIELO e os resultados obtidos

Base de Dados: SCIELO			
Termo de busca	Artigos encontrados	Título compatível	Resumo compatível
“open innovation” AND “startups”	2	2	1
“inovação aberta” AND “startups”	2	0	0
Total encontrado	-	-	1

Fonte: elaborado pelos autores.

Os dois artigos encontrados na base SCIELO eram os mesmos, com apenas a mudança do título de português para o inglês. Foi selecionado o artigo em sua língua materna para que não houvesse nenhuma perda de significado ou interpretação. O artigo encontrado no SCIELO também foi compatível com um artigo já encontrado no WEB OF SCIENCE.

ANAIS

QUADRO 4: Resultado das buscas nas bases de dados

	SCOPUS	WEB of SCIENCE	SCIELO
Total de resumos compatíveis	12	9	1
Disponível para leitura	7	6	1

Fonte: elaborado pelos autores.

O total de artigos disponíveis para a leitura foi de quatorze, porém, quando feita a análise observou-se que seis artigos das bases WEB SCIENCE e SCOPUS eram repetidos, e que o único artigo obtido no SCIELO também estava disponível na base WEB OF SCIENCE, portanto, foram apreciados apenas uma vez no Quadro 5, sendo interpretados no quadro abaixo apenas sete artigos das três bases de dados que foram pesquisadas.

ANAIS

QUADRO 5: Resultado das buscas e dos artigos por meio da RBS

Autores	Periódico/Ano	Objetivo	Objeto de Estudo	
FABRÍCIO JR. et al.	IFAC/2015	Analisar o estado atual da inovação aberta desenvolvida por uma multinacional chinesa no Brasil e entender como ela pode se beneficiar da flexibilidade e dinamismo das startups e quais iniciativas estão sendo tomadas pela empresa nesse sentido.	Estudo de caso do centro de P&D da empresa no Brasil por meio de entrevista, observação, ambiente de negócio e revisão de literatura.	A inovação no Brasil foi feita com participação de universidades e inovação foi feita de forma relacionada ao mercado científico. O modelo de inovação feita pela empresa chinesa ficou diferente da inovação feita no Brasil.
DI PIETRO, PRENCIPE e MAJCHRZAK	California Management Review/2018	Entender como as startups utilizam as plataformas de financiamento de capital num cenário de inovação aberta e se essa utilização afeta num sucesso posterior para a startup. E se os investidores são influenciados pelas características dos empreendedores.	Foi feito um estudo qualitativo em 60 startups europeias com o intuito de entender a plataforma de financiamento de capital dentro da inovação aberta.	Foi identificado que os investidores nos ramos de tecnologia e mercado, não possuem uma rede com o mesmo nível de stakeholders dentro de inovação aberta.
SPENDER et al.	European Journal of Innovation Management/2017	Revisão de literatura sobre startup e inovação aberta, para possibilitar avanços nos dois temas.	Foram analisados e estudados artigos que tratassem dos dois temas dentro das mais conhecidas bases de dados.	Verificou-se que em alguns casos de startups, os investidores não fazem parte do modelo de inovação aberta (como incubadoras e financiadoras de inovação aberta).
KUPP, MARVAL e BORCHERS.	Journal of Business Strategy/2017	Mostrar os programas de aceleradoras de startups e o programa hub:raum.	Tratados casos como os do Uber, Tesla e o Airbnb.	Esse estudo mostrou uma perspectiva positiva entre os investidores e que mesmo com a falta de uma tarefa clara, os investidores também são influenciados pelo modelo de inovação aberta.

ANAIS

MERCANDETTI et al.	Technology Innovation Management Review/2017	O artigo tem um foco mais restrito na atividade de inovação colaborativa, sistemática e definida entre startups e pequenas e médias empresas.	As pequenas e médias empresas da Suíça que pagaram para startups desenvolverem ideias inovadoras.	Todas as empresas mantiveram-se ativas no mercado de tecnologias, como aplicativos de inovação, apesar de repassar para outras empresas já existentes.
RICHTER, JACKSON e SCHILDHAUER.	Creativity and Innovation Management/2018	É um estudo que acrescenta ao entendimento de uma abordagem de inovação corporativa e aceleradores de empresas.	Foram entrevistadas 11 organizações que utilizam de alguma forma o acelerador de empresas.	A pesquisa de empresas que conseguem manter a performance com inovadores agentes que utilizam aceleradores.
CARVALHO e SUGANO.	Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa/2016	Impactar os três campos: político, prático e teórico. Fomentar a relação de instituições de ensino com empresas, ajudar os investidores a focarem seus investimentos em inovação e preencher lacunas sobre a teoria estudada.	Survey em 322 empresas que estavam registradas nas bases de dados da Associação Brasileira de Startups via Facebook, e-mail e telefone.	Resultou na identificação de áreas que não utilizam a inovação e joint ventures observadas em empresas extensivas que utilizam aceleradores para o desempenho.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das obras citadas.

ANAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da análise dos resultados como forma de comparação entre as startups e o conceito de inovação aberta, observa-se que as análises levantadas pelos autores do tema se complementam muito aos trabalhos já publicados sobre o tema que foram encontrados nas bases de dados onde foram pesquisados.

À primeira vista temos a aproximação das empresas para com o meio acadêmico, que segundo pesquisado por Fabricio Jr. et al. (2015) houve uma aproximação entre empresa e universidade para o desenvolvimento de novas tecnologias para a multinacional. Esse meio de inovação correlaciona-se ao processo que Chesbrough (2012) abrangeu ao estudar a inovação aberta, sendo classificado como um processo “*Outside-in*”, onde a empresa recebe a inovação de terceiros, no caso, da universidade.

Basicamente, segundo os textos estudados por meio da RBS, viu-se que as empresas em estudo utilizaram o processo de inovação aberta de terceiros, sendo classificados por Chesbrough como “*outside-in*”.

Alguns autores trouxeram em suas análises a forma como os investidores podem colaborar com as startups, não só em relação ao capital que poderá ser investido, mas também na forma com que eles podem colaborar com suas redes de networking e conhecimento sobre os temas que precisam ser melhorados nessas empresas.

Alguns autores pautaram seus estudos de startup com inovação aberta, tomando por base as relações/redes de networking que essas empresas desenvolvem com outras organizações. Spender et al. (2017) trazem a relação de importância das incubadoras e das universidades para com o desenvolvimento das startups no mercado e em seus processos de aceleração para alcançarem seus objetivos e se manterem abertas. Richter, Jackson e Schildhauer (2018) focam seus estudos nas colaborações positivas que as aceleradoras de empresas podem elevar aos processos de inovação das startups, isso porque o ecossistema ao qual elas estão inseridas é propiciador às inovações para o mercado.

Alguns outros autores demonstram em seus estudos que empresas de grande, médio e pequeno porte utiliza-se das startups para inovarem-se, criando assim, uma rede de colaboração mútua. Kupp, Marval e Borchers (2017) mostram em seus estudos que a relação que pode existir entre uma startup e uma grande empresa pode ser conflituosa, mas que se torna positiva para ambas se perpetuarem no contato. Mercandetti et al. (2017) confirma que as pequenas e médias empresas devem estar alinhadas às startups para acompanharem o processo de inovação do mercado.

ANAIS

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE STARTUPS. Disponível em: <
<https://abstartups.com.br/como-associar/>>. Acesso em 04 dez. 2018.

CARVALHO, E. G.; SUGANO, J. Y. Tipologias de inovação aberta em novas empresas de base tecnológica brasileiras. **RGPLP**, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 65-83, jun. 2016.

CHESBROUGH, H. W. **Open Innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology**. Harvard Business School Press, Boston, MA. 2003.

CHESBROUGH, H. W. Open innovation: Where we've been and where we're going. **Research-Technology Management**, v. 55, n. 4, p. 20-27, 2012.

DAVILA, A.; FOSTER, G.; GUPTA, M. Venture capital financing and the growth of startup firms. **Journal of Business Venturing**. P. 689-708. 2003.

DI PIETRO, F.; PRENCIPE, A.; MAJCHRZAK, A. Crowd equity investors: an underutilized asset for open innovation in startups. **California Management Review**, v. 60, n. 2, p. 43-70, 2018.

ENGEROFF, R.; BALESTRIN, A. Inovação fechada versus inovação aberta: um estudo de caso da indústria de cutelaria. **SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA**, v. 25, p. 1-16, 2008.

EVERS, N. The Process and Problems of Business Start-Ups. **ITB Journal**, v. 17, 2003.

FABRÍCIO JR, R. S.; DA SILVA, F. R.; SIMÕES, E.; GALEGALE, N.; AKABANE, G. K. Strengthening of Open Innovation Model: using startups and technology parks. **IFAC-PapersOnLine**, v. 48, n. 3, p. 14-20, 2015.

FERRÃO, S. Empreendedorismo e Empresas Startup: Uma nova visão estratégica como motor de empregabilidade jovem. **Boletim de Sociologia Militar**, Lisboa, n. 4, p. 9-26, 2013.

HOSSAIN, M. Open innovation: So far and a way forward. **World Journal of Science, Technology and Sustainable Development**, v. 10(1), pp. 30-41. 2013.

KUPP, M.; MARVAL, M.; BORCHERS, P. "Corporate accelerators: fostering innovation while bringing together startups and large firms". **Journal of Business Strategy**, Vol. 38, n. 6, p. 47-53, 2017.

LEITE, F. E. Empreendedorismo, Inovação, Incubação de Empresas e Starups. **Recife: Bagaço**, p. 551, 2015.



ANAIS

MERCANDETTI, C. L.; LARBIG, C.; TUOZZO, V.; STEINER, T. Innovation by Collaboration between Startups na SMEs in Switzerland. **Technology Innovation Management Review**, v. 7, n. 12, 2017.

MORAES, R. R., CAVALCANTE, H. D. S., BRASIL, A. T., & BOTELHO, M. A. D. S. Empreendedorismo Start Up: um Estudo de Caso em uma Empresa de Tecnologia no Estado do Pará. In: **Simpósio de Excelência em Gestão e tecnologia**. Brasil: IX SEGET 2012.

MORICOCCHI, L.; GONÇALVES, J. S. Teoria do Desenvolvimento Econômico de Schumpeter: Uma Revisão Crítica. **Informações Econômicas**. São Paulo, v. 24, n. 8, p. 27-35, ago. 1994.

PAVITT, K. **The Process of Innovation**. 1 ed. Brighton: SPRU: Science and Technology Policy Reserch, 2003.

RICHTER, N.; JACKSON, P.; SCHILDHAUER, T. Outsourcing creativity: An abductive study of open innovation using corporate accelerators. **Creativity and Innovation Management**, v. 27, n. 1, p. 69-78, 2018.

RIES, E. **A Startup Enxuta**: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas. São Paulo: Leya, 2012.

ROCHA, R. M. **Empreendedorismo e inovação na jornada da startup**: um framework da sintonia entre os processos. 2016. Dissertação (Mestrado em Empreendedorismo) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, University of São Paulo, São Paulo, 2016.

ZADEH, A.; KIRBY, D. A.. New venture creation: How start-ups grow?. **AD-minister**, [S.l.], n. 30, p. 9-29, feb. 2017.

SARMENTO, C. F. B.; CARVALHO, C. A. S.; DIB, L. A. R. Effectuation e a influência das redes sociais em internacionalização de startups em aceleradoras. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 63-76, jan./abr. 2016.

SEBRAE. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/o-que-e-uma-startup,616913074c0a3410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

SIGNORI, G. G.; MARTINS, A. R. Q.; DA SILVA, M. Startup e inovação: inovando na forma de pensar e decretando o fim das velhas ideias. In: **XXII Workshop Anprotec**, Belém/Pará, 2014.



ANAIS

SOMMER, S. C.; LOCH, C. H.; DONG, J. Managing complexity and unforeseeable uncertainty in startup companies: An empirical study. **Organization Science**, v. 20, n. 1, p. 118-133, 2009.

SPENDER, J. C.; CORVELLO, V.; GRIMALDI, M.; RIPPA, P. "Startups and open innovation: a review of the literature", **European Journal of Innovation Management**, Vol. 20, n. 1, p. 4-30, 2017.

TAVARES, B. O.; NEGRETI, A. S.; PIGATTO, G. A.; PIGATTO, G. Recursos e Vantagens Competitivas no Agronegócio: Revisão Bibliográfica Sistemática da VBR. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. / abr. 2017.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. **Gestão da Inovação**. 5a ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 633 p.

TRAVASSOS, G. H.; BIOLCHINI, J. Revisões sistemáticas aplicadas a engenharia de software. In: XXI SBES-BRAZILIAN SYMPOSIUM ON SOFTWARE ENGINEERING, 1, 2007, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: 2007, p. 27.-53.

VAN DE VEN, A. H.; HUDSON, R.; SCHROEDER, D. M. Designing new business startups: Entrepreneurial, organizational, and ecological considerations. **Journal of management**, v. 10, n. 1, p. 87-108, 1984.